



# AEDOS



## **O feminino, o pecado da luxúria e o sacramento do matrimônio no “Livro das Confissões”**

Letícia Schneider Ferreira<sup>1</sup>

O presente artigo tem por finalidade refletir sobre a concepção do feminino e do corpo durante o período medieval, a partir da análise de tópicos como a percepção do pecado da luxúria e o sacramento do matrimônio no *Livro das Confissões*, manual de Confessores castelhano escrito por Martin Perez por volta de 1316. Este estudo se valerá da versão portuguesa compilada no mosteiro de Alcobaça no ano de 1399, dedicando-se a evidenciar a forma com que as mulheres são representadas na obra em questão.

O pesquisador que empreende um estudo sobre temáticas vinculadas à questão do feminino durante a chamada Idade Média encontra-se, em geral, diante do desafio de observar este grupo social a partir do olhar masculino, dado que as fontes do período eram escritas predominantemente por homens. As mulheres, estimuladas ao silêncio<sup>2</sup>, são, entretanto, personagens constantes nas mais diversas documentações: seja para criticá-las ou para elogiá-las, as referências a tal grupo demonstram sua importância no tecido social.

As mulheres possuem um papel vital no cotidiano e no imaginário da Idade Média, e sendo não apenas uma criação divina, mas também a via escolhida para a entrada de Deus no mundo dos homens, sua imagem não pode ser percebida através de uma ótica completamente negativa. Apesar de muitas vezes impingir-se a associação da mulher com a de inimiga da humanidade, percebida em muitos textos realizados especialmente por clérigos<sup>3</sup>, é possível inferir nos textos medievais a tendência de enfatizar o fato de que a mulher possuiria um lugar na sociedade, porém em uma posição inferior ao homem. Kaplish-Zuber afirma a importância da ideia de hierarquização no imaginário medieval. Segundo a autora

Na Idade Média não se concebe a ordem sem a hierarquia. A construção do masculino/feminino respeita esta noção e se esforça em articular entre eles os dois princípios da polaridade e da superposição hierarquizada, quer dizer, uma classificação binária e horizontal, fundamentada na oposição, e uma interdependência vertical entre categorias. Desta difícil combinação resulta uma imagem negativa e inferior do feminino na sua relação com o masculino. (KAPLISCH-ZUBER, 2006, p. 139).

As mulheres, enquanto seres inferiores, devem ser conduzidas e orientadas a fim de não recair em pecado ou, pior, conduzir o homem ao erro. A figura de Eva e as conseqüências originadas de seu poder de sedução estão muito presentes no imaginário do medievo. A primeira mulher convence o homem à traição por meio de seus atributos físicos, de sua beleza, pelo uso do corpo, instrumento utilizado tanto para fins de expressão divina quanto como porta para a disseminação do mal. O corpo deve ser, deste modo, objeto de atenção a fim que dele não advenham malefícios, uma vez que ele propicia o exercício de pecados como, por exemplo, a vanglória. Tal malefício é observado por Martin Perez no *Livro das Confissões*, e é associado ao desejo de se vestir com apuro e enfeitar-se, referido ao feminino, mas do qual também os homens não estão imunes. Segundo o autor “En esta maneira peccã as molheres que se afeytã e se uestẽ a soberua e saã e passam ou se apparã em alguũs logares por se demostrar por uã gloria. E esso méésmo de alguũs homeës que se uestem e se affeytã, caualgã e fazem muytas cousas em que fazẽ peccar homeës a molheres e molheres a homeës.” (MARTIN PEREZ, pp. 216-217).

Outros pecados relativos ao corpo merecem destaque, como a gula e a luxúria. Apesar de não figurarem entre os pecados de conseqüências mais graves, como a soberba ou a inveja, associados a pecados da alma, o exercício da gula e da luxúria poderia suscitar a prática de outras ofensas a Deus, pois haveria uma verdadeira cadeia diabólica interligando os pecados. Casagrande e Vecchio refletem as propostas de pensadores que abordaram esta perspectiva, afirmando que:

Dans un processus ininterrompu, l'excès de gourmandise engendre la luxure, laquelle produit à son tour l'avarice ; de l'avarice naît la colère, de l'a colère la tristesse et de la tristesse l'acédie. Le parcours qui engendre les deux autres vices est inverse : l'orgueil et la vaine-gloire ne sont pas du tout le produit d'un excès de malice, mais se nourrissent plutôt des progrès moraux accomplis par le moine :

l'elimination de tous les vices chanerls est l'élément qui déchaîne les tentations d'ordre spirituel (2003, p. 277).

O desejo de conter a proliferação do pecado e de averiguar a culpa interior dos fiéis, reflexo de uma mudança na perspectiva do tratamento do pecado e da imputação de penitências, leva a instituição da confissão auricular durante o IV Concílio de Latrão e, por conseguinte, da realização de obras que orientassem os confissores em sua prática.<sup>4</sup> Assim, manuais de confessores foram escritos nos mais diversos locais e com as mais variadas perspectivas, muitos apenas arrolando os pecados e suas respectivas penitências enquanto em outros pode ser percebido o desejo de realizar uma reflexão de maior fôlego sobre o tema. O texto do *Livro das Confissões* poderia ser enquadrado nesta última categoria, uma vez que seu autor, Martin Perez, parece estar preocupado em esmiuçar as mais diferentes situações de pecado que possam ser encontradas bem como, em alguns momentos, conceituar os termos utilizados. Estas características parecem ter conferido uma certa popularidade a obra, e a mesma é encontrada não apenas em espaços vinculados ao uso do clero mas inclusive em bibliotecas de leigos pertencentes à nobreza. Em relação ao objetivo e à importância da obra, Machado, editor da obra em Portugal no ano de 2005, valendo-se das palavras do autor, esclarece que

“O Libro de las Confesiones, dedicado aos << clérigos minguados de ciência>> e aos que se <<acham brutos e minguados e buscam das migalhas que caem das mesas dos que são ricos de letras>> (...) tem como objectivo principal disponibilizar em romance um conjunto de informações úteis para aqueles que, como diz o autor, <<não saíram ao rastrollho da escola a colher espigas da Escritura>> e << que possam haver ao menos em suas casas os grãos do trigo limpo sem palhas e sem arestas de disputa>>” (2006, p. 9).

Em sua obra, Martin Perez esforça-se para se tornar compreensível para seu leitor, fazendo referências a diversas questões práticas, como por exemplo, o posicionamento do confessando durante a exposição de seus pecados. A preocupação com o grupo social feminino é relevante, na medida em que as mulheres, tanto como penitentes e pecadoras ou como vítimas do pecado masculino, são frequentemente citadas. Apesar de haver muitas vezes uma certa equivalência entre as penitências imputadas a homens e mulheres<sup>5</sup>, em algumas situações é necessário considerar o fato de que o trato com o público feminino, por

suas peculiaridades, exigia alguns procedimentos diferenciados. O confessor deveria ter cuidado no contato com a penitente, mantendo a distância física e até mesmo adotando uma postura cautelosa ao observar a mulher ao longo da confissão. Perez descreve tal situação, comparando como o confessor deve proceder diante de homens e mulheres. O autor explica que

En começo da cõfisson faze lhe que fique os gyolhos em terra e diga assi: Eu peccador, ou peccadriz, cõfesso me a Deus e a Sancta Maria e a todos os sanctos e to//das as sanctas e a uos padre da minha alma, que som muyto peccador e pequey, E de si mãda lhe que se asseẽte aos teus pées, se for homẽ como quiser. Se for molher en guisa que nõ ueias tu o seu rosto, nẽ ela o teu se poder seer (MARTIN PEREZ, 2006, p. 64).

Martin Perez aborda os mais diversos pecados, dedicando bastante atenção à luxúria, a qual somada à avareza, segundo o autor, são os mais comuns entre os homens. Martin Perez argumenta que “... por razõ que en dous peccados se enuoluẽ mays os homeẽs cõuẽ assaber: Luxuria e avareza. Por esso cõuem que demãdes primeyro estes, e primeyro da luxuria.” (pp. 67-68). A luxúria, pecado vinculado ao sentimento de prazer, inicialmente em uma perspectiva mais geral, vai aos poucos sendo relacionada ao prazer especificamente relacionado ao exercício da sexualidade. É possível observar no *Livro das Confissões* que as referências presentes a tal pecado parecem estar associadas ao prazer propiciado por um parceiro através da atividade sexual, porém não exclusivamente, pois há ocorrências nas quais a luxúria relaciona-se à ingestão de vinho<sup>6</sup>. As descrições que abordam o pecado da luxúria, em sua grande maioria, trazem a figura da mulher, seja como aquela que sofre as conseqüências da luxúria masculina ou mesmo a que provoca tais ímpetos nos homens. As atividades luxuriosas são artimanhas daqueles que são, segundo Martin Perez, “membros do diabo”. Segundo o autor

E ha hi alguũs homeẽs que os querẽ assemlehar e molheres outrossi ca son membros do diabóo e querẽ semelhar aa sua cabeça. Táaes som algũas molheres que assabendas affeytã para enamorar alguũs homeẽs de mao amor e çujo e apparã se em táaes logares que acabam o que querẽ. Esso méesimo fazẽ alguũs homeẽs ca luta e cãtã e baylham e tãgẽ estormentos. Vestẽ se, bafordã, caualagã e fazẽ passada e emviã messegeiros, dan doas, e muytas outras cousas que podẽ fazer ou dizer eles por elas. E certo os que táaes cousas fazẽ ou dizẽ por trager o homẽ ou a molher a consentimento de peccado de luxuria. Caãe em grande peccado semelhauel do que faz o diabóo cada dia. Enpero departamento he antre estes. Ca alguũs fazẽ estas cousas por cõplir luxuria tã soamente ((MARTIN PEREZ, 2006, pp. 215-216).

Assim, em uma leitura preliminar, é possível denotar uma preocupação do autor com o pecado da luxúria, e que tal mazela se expressa de diferentes formas e por atores variados. Contudo, as mulheres estão constantemente representadas nos momentos de reflexão sobre tal afronta aos preceitos divinos. A luxúria, para Martin Perez, não está presente somente no âmbito do físico, mas sim na intenção do pecador, que seduz através de olhares ou gestos, ou mesmo a partir de movimentos do corpo. Em uma determinada passagem, Martin Perez refere-se sobre o exercício da luxúria pela mulher, que instila o pecado entre os homens por meio dos artifícios citados. Sobre a mulher, explica o autor que esta recai em pecado

Se cantou cantares maaos e torpes. E se quebrantou seu corpo em baylhar ou em dançar ou se fez máaos gééstos ou máaos e deshonestos óólhares. Se estoruou os homeës do bem co seus cantares e co suas joglarias por que perdessem seu tẽpo em uahidade. Se os meteo em máao amor ou se o fez por amor carnal ãnos homeës. Ca esto seria peccado muy mayor (MARTIN PEREZ, 2006, p. 192).

Além da palavra luxúria, Martin Perez também se vale de termos como *maao amor* e *fornizeo* para descrever as más ações vinculadas ao uso equivocado do corpo e da sexualidade e que acarretam em pecado. De fato, o autor parece associar a luxúria a uma idéia mais abrangente de expressão do pecado, enquanto *maao amor* e *fornizeo* estariam relacionadas a questões mais específicas e concretas, descrevendo o ato em si mais do que sua intenção. A utilização destas expressões está muitas vezes relacionada às passagens nas quais Martin Perez explica quais são as informações fundamentais a serem recolhidas pelo confessor: o confessando deve explicitar o local onde cometeu o pecado, com quem, e principalmente a intenção que o movia. O autor procura guiar o confessor enumerando o que deve ser esclarecido, questionando

que pecado fez, se furto ou fornizio, ou que pecado é aquel que fez. A terceyra circunstancia he por que o fez ou com qual entençom, ou co qual voontade. A quarta circunstancia co quẽ o fez se co cristaã ou co moura ou co judia, ou co virgen ou co corrupta ou co fea ou co fremosa e assy em nos outros pecados, co quẽ os fez ou co quẽ os conprio. A quinta circunstancia he em que logar peco se em logar sagrado ou nõ. A sexta em que tempo o fez se em dia de festa ou de jaiuun ou se em outro dia. A seytima, como o fez, se torpemente ou em quanto, se torpemẽte ou em quanto tempo se em publico ou em ascondudo, se fez a outrẽ por seu pecado pecar, se fez aos boos por seu pecado pesar, se por força ou por voontade, se co entençom ou sem ella se ouue occasion ou a buscou se lidou ou nõ. E quantas vezes fez o pecado. (MARTIN PEREZ, 2006, p. 78).

Outros objetos de reflexão de Martin Perez em relação à luxúria são os prejuízos materiais que dela podem advir, bem como a possibilidade de ocorrerem dúvidas no momento da herança. Martin Perez levanta a questão dos gastos que envolvem a luxúria, que poderia levar um homem a gastar sua fortuna ou até mesmo um clérigo a empenhar os bens da igreja. Porém, talvez um dado bastante relevante seja o fato de Martin Perez orientar o confessor a detalhar a situação confessada, adotando uma postura de flexibilidade diante da narrativa. Assim, a filha luxuriosa deve ser deserdada. Contudo, o autor não realiza uma simples condenação sem conhecer de forma mais acurada cada caso. Martin Perez ressalta que a filha pode ter cedido ao pecado da luxúria pela negligência de seus pais, que não a teriam casado na idade correta, tornando-se estes também pecadores.

Esta questão introduz um aspecto extremamente pertinente no cotidiano das mulheres durante a Idade Média e que está intimamente relacionado ao pecado da luxúria: o casamento. Instância essencial do âmbito privado, o casamento é uma instituição que pode ser fonte de estabelecimento de poder, especialmente entre as famílias nobres, bem como de outras vantagens político-econômicas e sociais. O momento da constituição dos acordos de matrimônio possivelmente destaca-se como um dos mais importantes quanto à atenção dada às mulheres, uma vez que estas devem ser avaliadas e aprovadas enquanto esposas adequadas. O casamento durante o período medieval desempenha um papel fundamental na estrutura da sociedade e, dada sua importância, o poder de intervenção das mulheres no processo decisório relativo ao seu destino matrimonial era, geralmente, ínfimo. Opitz afirma que

A importância primordial atribuída ao casamento — como meio de criação e conservação das estruturas de poder e de propriedade — não permitia, sobretudo nas camadas sociais mais elevadas, detentoras de bens e de poder, que uma rapariga influenciasse os planos de casamento traçado pelas gerações mais velhas. Apesar do ensinamento religioso sobre o consentimento dos cônjuges, os pais, as mães, os amigos e os parentes combinavam o futuro das suas filhas, sobrinhas e netas e até os rapazes pouco mais direito tinham de falar do que as raparigas da mesma idade, sobretudo se eram os herdeiros de uma casa (OPTIZ, 1993, p. 362).

Entretanto, o casamento cristão que se configura enquanto um modelo mais definido por volta do século XIII<sup>7</sup> não pode ser referido apenas como um instrumento de interesses econômicos, pensado de forma estrita e maniqueísta. O matrimônio demanda uma série de

aspectos ligados à cultura e ao imaginário do medievo. O casamento cada vez mais vai se tornando um âmbito sacralizado, no qual as ações dos cônjuges devem seguir os preceitos de Deus. O matrimônio oferece um espaço paradoxal em relação ao pecado da luxúria: ao mesmo tempo em que realiza um controle do corpo e de sua concupiscência, limitando a atividade sexual apenas aos componentes do casal, também admite a ocorrência de sexo, visto comumente como algo pecaminoso. Le Goff reflete sobre estas questões, realizando uma análise sobre a progressiva associação da carne e do pecado e que a verdadeira virtude será percebida pela negação e ascetismo, cujo modelo central é o estilo de vida monástico. Assim, como nem todos poderiam seguir tal exemplo, o casamento aparece como uma forma de contenção parcial, pois os esposos devem estar dispostos a desconsiderar as tentações mundanas. O casamento seria dos males o menor. Le Goff identifica tal pensamento em Paulo de Tarso, expondo que

S. Paulo de Tarso insiste na oposição entre carne e espírito, vê na carne a fonte principal do pecado e não aceita o casamento senão como um mal menor que é preferível evitar: “É bom que o homem se abstenha da mulher [de notar o antifeminismo], mas dado o perigo da imoralidade, que cada um tenha sua própria mulher, e que cada uma tenha o seu próprio marido. [...] Contudo digo aos solteiros e às viúvas que é melhor permanecer no mesmo estado que eu [...]”. (LE GOFF, 1991, p. 195).

No *Livro das Confissões*, Martin Perez dedica diversas passagens para a questão do casamento, explicitando a importância deste sacramento. Apresentando um pronunciado cunho pedagógico, o *Livro das Confissões* aborda, de maneira explicativa, diferentes conceitos e instituições da Igreja. Em relação ao casamento, Martin Perez salienta o fato de que este é a união de um homem e uma mulher e salienta a necessidade de consentimento.

Explica o autor

Sacramēto he matrimonyo, por que signiffica e demostra cousa sancta, aiūtamento de Jhesu Christo e da Sancta eglesia. E porē disse Sam Paulo scripto he que leixara o homē padre e madre e iūtār se ha cō sua molher. E seeram dous em hũa carne. E eu digo que he grande sacramēto em Jhesu Christo e em na eglesia, por que assy como em o matrimonyo, he huũ aiūtamento dos coraçōes do homē e da molher em huũ consintimento e huũ querer, assy a sancta eglesia sposa de Jhesu Christo, he a el iūtada em hũa uoõtade e em huũ querer. (MARTIN PEREZ, 2006, p. 142).

Martin Perez também evidencia a associação do casamento e a contenção do pecado, em especial do pecado da luxúria. O casamento é fundamental na trama social e deve ter uma finalidade bastante específica, que é o controle dos maus instintos corporais bem como da procriação, única motivação adequada para o intercuro sexual. O casamento não deve ser fonte de prazer carnal, não se negando a possibilidade de que espiritualmente os cônjuges busquem sempre a harmonia. A importância de impedir o prazer é percebida no estabelecimento por parte da Igreja de uma série de regulações sobre a atividade sexual, como as posições permitidas, momentos nos quais as relações devem ser evitadas, a frequência adequada e sem dúvida as sensações recomendadas e as proibidas. Ao realizar sua argumentação sobre o tópico do matrimônio, Martin Perez refere que

Dizem os sanctos douctores que o matrimonyo foy fecto por duas cousas principaaes .s. por acrecentamento de lnhagê, e por squiuar o peccado do fornizio. (...) depois que o homẽ pecou, toda a carne foy corrupta do peccado, por que os casados nõ se podem iũtar, sem delecto de torpidade carnal. Onde diz Sam Geronjmo, que o casamento em sy, boõ e lijdemo he e sem peccado, pero por que tanto he o ardor carnal, em seus carnaaes aiũtamentos, que a graça do spiritu sancto nõ se da ã aquel tempo, posto que de placa seia casamento, e por auer geeraçõ, use do casamento. (MARTIN PEREZ, 2006, p. 143).

O *Livro das Confissões* apresenta um grande número de referências às questões matrimoniais, abrangendo situações relacionadas a tal sacramento, como as penitências para o adultério ou mesmo explicações sobre como os cônjuges devem proceder e quais são os seus papéis. Também aborda questões práticas como o que deve ocorrer quando um dos noivos vem a falecer antes das bodas, qual seria a idade correta para contrair matrimônio ou como se dá a união de pessoas surdas. É possível perceber, em um estudo inicial, que apesar de haver distinções entre homens e mulheres — como no momento em que explica que o marido é a “cabeça” da mulher, a qual deve ser-lhe obediente, assim como Jesus Cristo deve ser a cabeça do marido (p. 89) — as penitências são semelhantes, não havendo uma diferenciação marcante entre os sexos. Exemplifica tal afirmação a passagem na qual Martin Perez expõe sobre o adultério, quando explica que “entõ pode o marjdo leixar a molher se fezer adulteryo. E a molher outrossy o marjdo, mais nõ podem por esso meesmo ela co outro, nõ el co outra casar ataa morte dhuũ deles (...)” (MARTIN PEREZ, 2006, p. 157).

Deste modo, o estudo sobre o feminino no medievo relaciona diversas instâncias do cotidiano da mulher, como o casamento e tudo o que a este se vincula, bem como o corpo e sua tendência ao pecado. O *Livro de Confissões* mostra-se uma fonte de grande relevância para o exercício de uma reflexão sobre o gênero na Idade Média, conforme demonstra esta revisão preliminar, a qual será aprofundada no decorrer da pesquisa empreendida.

## Fontes

MARTIN PEREZ. *Livro das Confissões*. Edição semidiplomática de José Barbosa MACHADO e Fernando TORRES MOREIRA. Edições Pena Perfeita 2005-2006, 2 vols.

## Referências Bibliográficas

CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. *Histoire des Péchés Capitaux au Moyen Âge*. Paris : Aubier, 2003.

DALARUN, Jacques. Olhares de Clérigos. In: *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, v. 2, 1993, pp. 29-61.

KAPLISCH-ZUBER, Christiane. Masculino/feminino. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: EDUSC, 2006, pp.137-150.

LE GOFF, Jacques. A Rejeição do Prazer. In: DUBY, Georges (Introdução). *Amor e Sexualidade no Ocidente*. Portugal: Terramar Editores Distribuidores e Livreiros LTDA. 1991, pp. 191-207.

MACEDO, José Rivair. Os códices alcobacenses do Libro de las confesiones de Martin Perez (MS. Alc. 277-378): elementos para seu estudo. In: RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros (org). *Instituições, Cultura e Poder na idade Média Ibérica*. VI Semana de Estudos Medievais/I Encontro Luso Brasileiro de História Medieval. Brasília, 2006, pp. 113-130.

OPITZ, Claudia. O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). In: *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1993-1995, pp. 354-435.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História, UFRGS. [axthi@yahoo.com.br](mailto:axthi@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Perrot enfatiza a associação do feminino ao silêncio, demonstrando os constrangimentos impostos pela sociedade e pela cultura à expressão das mulheres. Segundo a autora: “No início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem. O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição subordinada e secundária. Ele cai bem em seus rostos, levemente sorridentes, não deformados pela impertinência do riso barulhento e viril. Bocas fechadas, lábios cerrados, pálpebras baixas, as mulheres só podem chorar, deixar as lágrimas correrem como a água de uma inesgotável dor (...). O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. (PERROT, 2005, p. 9).

<sup>3</sup> Diversos fatores como, por exemplo, o afastamento progressivo do contato com as mulheres devido à imposição do celibato, e o crescimento das ordens monacais, podem estar relacionados aos discursos que denigrem a figura feminina. Dalarun reflete sobre esta questão utilizando documentos como a carta escrita por Godofredo de Vendome. Expõe o autor que “a carta de Godofredo dirigia-se aos seus monges. Era necessário que ele convencesse esses companheiros de Cordeiro imaculado que a sua escolha de recusarem a sua parte na carne, de se afastarem da mulher, moralmente hedionda desde a origem e cuja beleza superficial constitui o pior dos logros, era a boa escolha. No século X, Odão de Cluny († 942), retomando a advertência de João Crisóstomo († 407) contra Eva, inspirava aos seus monges os mesmos terrores salutares...” (1993, p. 35).

<sup>4</sup> Macedo evidencia a realização destas obras vinculadas ao modelo contricionista que era então erigido. Expõe o autor que “... toda a literatura doutrinal, pastoral e normativa posterior ao IV Concílio de Latrão, que instituiu a obrigatoriedade de confissão auricular e da comunhão pelo menos uma vez por ano, tinha por fim atingir os fiéis, seus desvios de conduta, e a maneira e corrigir as faltas – dando especial atenção à contrição, ao sofrimento, à dor sincera e à confissão do arrependido.” (MACEDO, 2006, p. 116).

<sup>5</sup> Ao explicitar as diversas formas possíveis de pecar, Martin Perez, na maioria das vezes, não promove uma distinção significativa em relação à intensidade da penitência tenha sido o pecado cometido por homem ou mulher. É possível verificar a pertinência desta afirmação no momento em que o autor aborda as conseqüências de agredir pai ou mãe. Segundo o autor “Se o filho o filha alcançou mãos yradas ão padre ãna madre podẽ no desexerdar. Ourosí se os filhos fezerõ algũa eniuria grãde a seu padre ou a sua madre dalguũ peccado criminal, saluo se o peccado de que o filho accusar o padre fosse cõtra a Fe, ou cõtra o senhor, ou cõtra as cousas publicas. Ca de tááes peccados bẽ pode accusar o filho, o padre ou a madre.” (MARTIN PEREZ, 2006, p. 73)

<sup>6</sup> Martin Perez critica o uso do vinho, afirmando esta prática como luxuriosa. O autor expõe que “Empero assaz sal de siso, o que mays ama o uinho por o sabor que lhe faz ãna garganta, que Deus. Onde diz no liuro da sabença ou sabedoria. Dizẽ outrossi: luxuriosa cousa he o uinho .s. peccado, e o que se em el deleyta sabedor nõ pode seer” (MARTIN PEREZ, 2006 p. 209). Em um trecho posterior, Martin Perez volta a abordar práticas vinculadas ao ato de beber e comer: “Outrossi a comeres e a beueres mááos e desordinados, a quebramento dos jeiũhũs aas tauernas, assair da igreja, a perder as horas a fugir da preegaçõ, a furtar e a roubar e a fazer outros mááes. E muytas uezes se mouẽ e se uencẽ alguũs ou algũas a fazer peccados por ocasion destes, que outramente nõ faria.” (MARTIN PEREZ, 2006 p. 209).

<sup>7</sup> Em relação ao casamento, Opitz expõe que “(...) mais ou menos a partir do século XIII, se pode falar de um <<modelo conjugal cristão>>, que se manteve até a época moderna: o casamento único e indissolúvel, celebrado para toda a vida na base de inclinações mútuas, do *consensus* dos cônjuges. Assim, modificou-se não só a relação dos dependentes para com os seus senhores — o casamento por consentimento acentuava a sua <<emancipação>> perante a tutela senhorial —, mas também as relações entre gerações e entre sexos.” (OPITZ, 1993, p. 362).